



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PERSPECTIVA INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS EM COLÉGIOS DE APLICAÇÃO NO RIO DE JANEIRO

Michele Pereira de Souza da Fonseca - UFRJ
Samara Oliveira Silva - UFRJ
Maria Luíza Mendes Santos - UFRJ
Luciana Santos Collier - UFF
Gabriela Aragão Souza de Oliveira - UERJ
Márcia Miranda - UERJ

RESUMO

Este painel reúne a socialização de experiências que convergem para a construção de uma educação física escolar na perspectiva inclusiva em três escolas de educação básica que se configuram como colégios de aplicação, vinculadas à três universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Para além desses pontos em comum, a aproximação se justifica posto que dialogamos com propostas que se apoiam no ensino colaborativo e na diversificação de conteúdos como estratégias pedagógicas inclusivas. O texto 1 objetiva relatar as experiências construídas coletivamente nas aulas de Educação Física no CAP-UFRJ, tematizando Ginástica, com atravessamentos de deficiência, racialidade e gênero numa perspectiva inclusiva. O texto 2 tem como objetivo relatar e refletir sobre possibilidades pedagógicas vivenciadas no Projeto Esporte do Coluni-UFF no ano de 2023, a partir da diversificação de conteúdos e seus atravessamentos com os marcadores sociais da diferença. Já o texto 3 visa apresentar a experiência dos “Jogos Inclusivos” organizados como parte da 47ª Olimpíada de forma colaborativa no CAP-Uerj em 2023, pensando na divisão da responsabilidade no ensino, para favorecer o acesso e a aprendizagem para todos - levando em conta as especificidades, ritmos e formas de aprendizagem de todos os alunos regularmente matriculados no Instituto. Em contraponto ao histórico excludente da Educação Física com ênfase na aptidão física e no rendimento, que ainda deixa marcas na contemporaneidade, essas experiências socializadas destacam a construção cotidiana de práxis democráticas, críticas e reflexivas, ao encontro da perspectiva ampliada de inclusão.

Palavras-chave: Inclusão, Educação Física escolar, Ensino colaborativo.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

DIVERSIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: TEMATIZANDO A GINÁSTICA COM ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO, RACIALIDADE E DEFICIÊNCIA

Michele Pereira de Souza da Fonseca - UFRJ
Samara Oliveira Silva - UFRJ

RESUMO

O resumo tem como objetivo relatar as experiências construídas coletivamente nas aulas de Educação Física no CAp-UFRJ, tematizando Ginástica, com atravessamentos de deficiência, racialidade e gênero numa perspectiva inclusiva. Nos embasamos em um conceito de inclusão amplo, processual, dialético e infundável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009). Em contraponto ao histórico excludente da Educação Física com ênfase nas habilidades motoras (Fonseca, 2014), utilizamos a diversificação de conteúdos como uma estratégia pedagógica inclusiva, que pode potencializar a participação de todas as pessoas (Fonseca; Silva; Santos, 2023). Trata-se de uma experiência no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com uma turma do quarto ano do ensino fundamental I. Como resultados, reconhecemos a potência de trabalhar a ginástica, atravessado pela deficiência, racialidade e gênero numa perspectiva inclusiva como reflexões sobre possibilidades concretas de ressignificar as aulas de educação física. Assim, a experiência também foi importante para valorizar a potência da diversificação de conteúdos como estratégia pedagógica inclusiva, abordando a ginástica como tema principal, se distanciando de práticas hegemônicas e ampliando as possibilidades de participação

Palavras-chave: Inclusão, Educação Física escolar, diferença

INTRODUÇÃO

As inquietações geradas pelas reflexões que permeiam práticas pedagógicas excludentes historicamente presentes na Educação Física escolar nos movem ao objetivo de ressignificá-las. Pensar, portanto, uma educação física escolar propositiva de perspectiva inclusiva, participativa e colaborativa, com cunho pedagógico e crítico, nos leva a socializar as experiências vivenciadas no âmbito da form(ação) docente.

O referencial teórico sobre inclusão compreendida de modo amplo, processual, dialético e infundável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009) embasa nossas práticas pedagógicas pensadas coletivamente a partir das discussões propostas pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (LEPIDEFE), vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), considerando questões como deficiência, racialidade, etnia, religiosidade, classe social, geracionalidade,



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

dentre outros marcadores sociais da diferença em suas complexas relações interseccionais (Collins; Bilge, 2021).

Nesse cenário, entendemos a inclusão como um processo infundável e dialético em relação à exclusão, porque vivemos numa sociedade que é altamente opressora e capitalista dependente, na qual situações de exclusão são pressupostos da manutenção desse sistema (Sawaia, 2022). Então, não é possível limitar-se a um olhar romântico e ingênuo, uma vez que as situações de exclusão que acontecem no chão da escola refletem e são refletidas por questões que emergem na sociedade. A partir dessas inquietações, o conceito de inclusão passa a ser compreendido não como um lugar fixo a se chegar, mas como uma construção coletiva em um movimento processual, dinâmico, dialético e sem fim, justo porque vivemos em um modelo de sociedade que ainda não permite que a inclusão impere o tempo todo. É uma luta cotidiana (Fonseca, 2023, p. 7)

No campo da Educação Física tivemos influências militaristas e eugênicas que enfatizavam a aptidão física e o rendimento restrito a um cunho biologizante, como apontado por Soares et al (1992) e Castellani Filho (1991). Entendemos que tal histórico deixou marcas excludentes na Educação Física (Fonseca, 2014), apesar de, desde a década de 1990 termos observado contribuições relevantes no sentido de se contrapor a essas influências para ressignificar a Educação Física escolar (Soares *et al*, 1992; Kunz, 1991; Neira; Nunes, 2018; Maldonado; Prodócimo, 2022).

Diante disso, adotamos como estratégia pedagógica inclusiva a diversificação de conteúdos pois, considerando as diferenças na sociedade e também presentes nas escolas, importa visibilizarmos os diversos elementos da Cultura Corporal (jogos e brincadeiras, ginásticas, danças, lutas e esportes), de modo ampliar todas as possibilidades de ações inerentes aos conteúdos, diversificando para além desses elementos, as abordagens, as metodologias e as formas de avaliação. Ao valorizar as múltiplas experiências dos(as) estudantes, seus contextos e realidades específicas, amplia-se as possibilidades de se aproximar, conhecer e propor outras novas, bem como a adesão, o engajamento e participação nas aulas (Fonseca; Ramos, 2017; Fonseca; Silva; Santos, 2023).

Compreendemos que valorizar as experiências dos(as) estudantes, por meio de práticas corporais inclusivas, reflexivas, dialógicas e humanizadoras, considerando-os como protagonistas, vai ao encontro de pressupostos freireanos, no sentido da construção de aulas com e não para eles(as) (Freire, 2013). Assim, este trabalho objetiva relatar as experiências construídas coletivamente nas aulas de Educação Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), tematizando ginástica, com atravessamentos de deficiência, racialidade e gênero numa perspectiva inclusiva.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

METODOLOGIA

A partir de uma abordagem qualitativa, posto que pretende dar ênfase às representações e percepções sobre as experiências vivenciadas, nos apoiamos na pesquisa-ação (Thiollent, 2011) considerando a ação do professor como pesquisador nas intervenções na práxis pedagógica com vistas a transformar a realidade e construir outros saberes.

O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foram os diários de campo registrados pela professora regente de Educação Física no CAP-UFRJ. O CAP é um colégio público federal localizado na zona sul do Rio de Janeiro, no bairro da Lagoa Rodrigo de Freitas e recebe estudantes de diversos bairros da região.

O recorte escolhido para ser socializado neste painel são as aulas com a turma do 4º ano do ensino fundamental, contendo 25 estudantes entre 8 a 9 anos, atravessados por diversos marcadores sociais a diferença em intersecção, portanto 13 meninos e 12 meninas, oriundas de diversas regiões, mas em sua maioria da Zona Norte e Sul da cidade do Rio de Janeiro, 2 estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) e 1 com deficiência auditiva.

RELATANDO A EXPERIÊNCIA

A tematização das ginásticas foi um desafio, mas não foi uma escolha unilateral. Estava recém-chegada ao CAP e precisava conhecer a turma, seu contexto e sua realidade. Com base em uma relação dialógica, propusemos uma dinâmica para mapear os interesses e as experiências prévias, como entendiam a educação física escolar e o que gostariam de vivenciar. Isso tudo já compunha o planejamento de modo compartilhado e participativo, envolvendo os(as) estudantes, ao encontro da perspectiva inclusiva. Sem imposição, almejava construir com eles(as) uma primeira experiência que desse o tom da proposta pedagógica dali em diante seguida e que principalmente, fizesse sentido para todos(as) envolvidos (as).

O relato narra as experiências de duas aulas. Sendo assim, iniciamos a primeira aula com a roda de conversa desencadeada a partir de uma pergunta escrita no quadro: O que é Educação Física escolar? Todas(os) contribuíram escrevendo no quadro compondo uma nuvem de palavras.

Imagem 1: nuvem de palavras



Fonte: Registro das autoras

Surgiram elementos interessantes inerentes a possíveis conteúdos a serem trabalhados nas aulas, tais como boxe, danças, queimado, piques, tiktok, entre outros. Um fato interessante foi borrar as fronteiras da Educação Física para perceberem que a aula de forma participativa, lúdica e compromissada se faz em vários espaços pedagógicos, na sala, na quadra. Assim, entendemos todos os espaços da escola como potentes para se trabalhar a educação física escolar.

Observando a nuvem de palavra formada, identificamos que a ginástica apareceu muitas vezes no quadro, então isso foi um caminho interessante para começar a trabalhar pois, além de ser um elemento da cultura corporal que não o esporte, majoritário historicamente nas aulas, a conversa também revelou que a maioria dos(as) estudantes nunca tinham tido nenhum contato com a ginástica, entretanto, havia um grupo de cerca de 5 meninas que faziam ginástica fora da escola. Freire (2013, p. 30) também questiona “por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” Esses pressupostos ratificam a importância de conhecermos a fundo nossos estudantes e esse movimento contribui para a valorização das experiências trazidas por eles(as), reafirmando o caráter horizontal, inclusivo e participativo que permeia o processo de ensino e aprendizagem.

Há muitas possibilidades na tematização das ginásticas (artística, rítmica, aeróbica, de trampolim, para todos e acrobáticas). Iniciamos o bimestre pela ginástica artística, porque essa foi a primeira que emergiu da roda de conversa, um outro detalhe é que esta modalidade não exige um grande suporte de materiais. Nesse sentido, como compreendemos a Educação Física na escola com cunho pedagógico e inclusivo, visamos repensar e transformar a maneira como



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

as práticas corporais são vivenciadas pelos(as) estudantes, não enfocando apenas o desenvolvimento físico, mas também os contextos socioculturais, históricos e políticos que influenciam as práticas corporais de modo a promover uma Educação Física crítica e reflexiva.

Decidimos então construir coletivamente a tematização da ginástica neste trimestre, ainda como uma aula introdutória, mas longe de ser uma aula meramente expositiva. A construção também foi permeada por vídeos e imagens sobre o contexto da ginástica, conhecemos os tipos de ginástica, os(as) principais atletas, suas modalidades, entre outras curiosidades sobre o esporte que teriam posteriormente uma relação direta com as aulas que viriam.

Mesmo com uma escolha dialogada, alguns meninos começaram a questionar a ginástica como uma atividade de meninas marcando a questão de gênero que é muito latente nas aulas de Educação Física, falas como: “Ginástica não, professora, é coisa de menina”; “Vamos ter que dançar?, eu não vou fazer isso”; “Como um homem faz ginástica artística?” foram registradas também no diário de campo. Nesta lógica, Butler (2003, p.27) enfatiza que “[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais”. Sendo assim, a referida autora compreende o gênero como uma construção social que advém de sentidos e significados atrelados ao contexto em que estamos inseridos.

Isto posto, tais questionamentos abriram brecha para conversarmos abertamente sobre a questão de igualdade entre gêneros e que a ginástica não era só uma atividade praticada por meninas nem na Educação Física escolar e nem mesmo no esporte de alto rendimento como Jogos Olímpicos e Campeonatos mundiais da modalidade. Desta forma, Santos e Lacerda (2020) afirmam que o debate de gênero não pode ser visto como um tabu na escola, visto que é um assunto que emerge dos(as) estudantes e não poder ser negligenciado. Esses debates urgem ser problematizados e a escola apresenta como um campo fértil para essas reflexões tendo em vista as demandas contemporâneas.

Mais uma vez a questão de gênero emergiu com naturalidade após a exibição de um vídeo do atleta Arthur Zanetti em provas de ginástica artística na modalidade de argolas, logo um estudante citou o fato de se reconhecer no vídeo por ser uma modalidade praticada por homens. O estudante também sinalizou que o pai também praticava tal modalidade quando fazia esses exercícios na pracinha perto da casa dele.

Essas conversas, bem como a experimentação das práticas foi relevante para que crianças entre 8 e 9 anos já compreendessem que não há atividades generificadas, de modo lúdico, não impositivo e principalmente adequado à faixa etária. Foi um caminho interessante



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

posto que houve reflexão sobre o tema e a turma foi mudando, principalmente os meninos, foram mudando esse olhar em relação a ginástica.

Um *quiz* foi realizado no final desta aula como uma forma de avaliação sobre o que foi discutido durante a aula. Ele foi composto por 10 perguntas que dialogaram com o conteúdo da aula. A turma foi dividida em 5 grupos, cada grupo recebeu um pedaço de papel escrito SIM E NÃO para responder às perguntas. Além de ter sido muito interativo, essa atividade também possibilitou a emergência de uma outra problematização bastante importante e alguns estudantes se sentiram movidos ao desafio de continuar a busca como “tarefa de casa” para trazer para próxima aula alguma curiosidade sobre a ginástica.

Na segunda aula, trabalhamos elementos da ginástica como saltos e rolamentos como forma de construir uma base para as próximas aulas que seriam focadas em outros componentes. Assim, dividimos a turma em quatro grupos, espelhamos alguns colchonetes pelo chão e cuidadosamente trabalhamos as fases do rolamento até os(as) estudantes se sentirem confortáveis para o salto. Importante dizer que, contamos com a participação ativa das cinco meninas que faziam ginástica fora da escola e dois professores em formação que realizavam a prática de ensino no CAp. Essa participação desempenhou um papel fundamental, visto que, um deles possuía uma vasta experiência com capoeira e trouxe importantes contribuições no que diz respeito aos movimentos ginásticos.

O ensino colaborativo se materializa, portanto, no contraste com o ensino tradicional centrado no professor, valorizando a interação ativa entre os participantes, promovendo o aprendizado mútuo e a construção coletiva do conhecimento. Fonseca, Peres e Ludovino (2023), corroboram quando sinalizam a importância do trabalho coletivo com os(as) professores(as) em formação, de maneira horizontal, desde o planejamento, na prática e nas avaliações.

Durante a prática refletimos sobre questões problematizadas na última aula, uma estudante trouxe uma imagem da Simone Biles, uma atleta negra estadunidense que compõe a equipe de ginástica artística. A partir do discurso de que ela gostava da Simone e que se parecia muito com ela, discutimos durante a aula sobre a representatividade em relação às questões raciais, trazendo também para a discussão as atletas negras brasileiras e como são percebidas no contexto da ginástica.

Relembrar a trajetória e a relevância dessas atletas ressaltou em algumas meninas a importância de se ver representada como mulher negra numa posição de destaque e relevância. Gomes (2012) enfatiza que os processos identitários se constroem de maneira gradativa que



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

envolve desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo à núcleos familiares, até outras relações que o sujeito estabelece.

Emergiu também a questão da saúde mental e como esses desafios permeiam a vida de atletas, muitas vezes exigindo escolhas cruciais para preservar sua saúde mental, como aconteceu com Simone Biles durante os Jogos Olímpicos de Tóquio em julho de 2021. Conversamos também que essas situações não se restringem ao contexto esportivo, mas são igualmente pertinentes ao cotidiano de qualquer pessoa.

Ressaltamos que as reflexões emergiram durante a prática e esse processo é contínuo e não dicotomizado. Freire (1980, p. 26) nos leva a pensar sobre essa questão quando diz que, “a conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou transformar o mundo que nos cerca.”

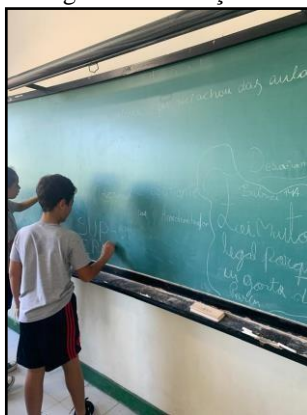
Importante pontuar que, na turma havia duas crianças com TEA e uma com deficiência auditiva que participaram ativamente de todo o processo de aula. Operacionalizamos o conceito de inclusão ao construir uma aula em que caibam os(as) estudantes, considerando suas singularidades e necessidades específicas, sejam elas quais forem. Em relação a comunicação, com o estudante com deficiência auditiva nossa conversa era a partir da leitura labial, sempre tínhamos o cuidado de falar pausadamente para facilitar o entendimento. Sobre os dois estudantes com TEA, ambos são nível 3 de suporte e se relacionam bem com seus pares, também são oralizados, mas verbalizam pouco.

Tais questões dialogam com Mantoan (2003), a inclusão refere-se a transformação do sistema educacional para que possa atender às necessidades de todos(as) os(as) estudantes, garantindo a participação de todos(as). Já a integração é entendida de maneira condicional e implica na adequação do(a) estudante a um sistema existente, sem necessariamente promover mudanças estruturais significativas na escola.

Assim, ratificamos que a inclusão implica a criação de um ambiente educacional que acolha e respeite as diferenças, garantindo a igualdade de oportunidades para todos(as) envolvidos(as) neste processo. A participação desses estudantes apresenta um papel importante no que diz respeito a prática pedagógica, as trocas e reflexões, neste contexto, o marcador do social da deficiência é compreendido como vantagem pedagógica (Candau, 2020).

Como avaliação, solicitamos que os(as) estudantes resumissem em uma palavra as experiências vividas durante as aulas. Neste momento foi interessante perceber o movimento por parte dos meninos relatando palavras, tais como: desafiador, surpreendente, incrível e medo.

Imagem 2: Avaliação



Fonte: Registro das autoras

Nessa perspectiva inclusiva em que nos embasamos, as tematizações diversificadas abrem possibilidade para que emergjam questões envolvendo qualquer marcador social da diferença e que isso se tornou ponto importante a ser debatido na aula. Nesse caso, o gênero e a racialidade não eram temas *a priori* da aula, mas apareceram a partir de demandas vindas daturma. O que enriquece as relações é estarmos abertos a acolher essas demandas e trabalharmoscoletivamente.

Não há uma receita a seguir para uma práxis inclusiva ser processualmente efetivada, mas apontamos que os movimentos iniciais de conversa com a turma já eram permeados por esse objetivo para que diversas formas de ser e estar no mundo sejam valorizadas e construtivas daquele espaço (Fonseca, 2023), especialmente inspirada em Candau (2020) quando considera as diferenças como vantagem pedagógica e não como sinônimo de desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatarmos as experiências construídas coletivamente nas aulas de Educação Física no CAP-UFRJ, tematizando ginástica, com atravessamentos de deficiência, racialidade e gênero numa perspectiva inclusiva, pretendemos socializar reflexões sobre possibilidades concretas de ressignificar o campo e de valorizar as construções coletivas.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

Essa experiência também foi importante para valorizar a potência da diversificação de conteúdos como estratégia pedagógica inclusiva, abordando a ginástica como tema principal, se distanciando de práticas hegemônicas e ampliando as possibilidades de participação.

Ressaltamos também que essa experiência foi vivenciada no Colégio de Aplicação, um lugar privilegiado por ser um colégio federal vinculado à universidade, que oferece condições para que o ensino colaborativo se dê não somente junto com os(as) licenciandos(as), mas também com os(as) estudantes da turma, numa perspectiva de fato participativa e propositiva de ações coletivizadas. Assim, também encontramos condições muito favoráveis a propor um planejamento compartilhado e participativo, em que valorize as experiências dos(as) estudantes, como o processo de ensino e aprendizagem acontece de forma colaborativa.

A perspectiva inclusiva perpassa uma percepção atenta às singularidades e necessidades específicas dos(as) estudantes, entendendo-os como protagonistas das aulas, numa relação dialógica e horizontalizada, com inspirações freireanas para construir cenários formativos mais democráticos.

REFERÊNCIAS

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro. Produzido pelo LAPEADE, 2012.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

FONSECA, Michele; PERES, Mariana; LUDOVINO, Raquel. "Relato de experiência no Projeto de Extensão Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas." **Cadernos de Aplicação**, v.36, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: Ressignificando e politizando a raça. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

MALDONADO, Daniel Teixeira.; PRODOCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física escolar**, v. 3, p. 6-23, 2022.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar** : o que é? por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna , 2003.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Farias. As possibilidades de emergência do currículo cultural da Educação Física: contribuições do Grupo de Pesquisas em educação Física escolar da FEUSP (GPEF). In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uriá de Siqueira. (orgs.). **Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Brasileira**. Curitiba: CRV,p. 281-300. 2018.

SANTOS, Mônica; FONSECA, Michele; MELO, Sandra. **Inclusão em Educação: diferentes interfaces**. Curitiba: CRV, p. 9-21, 2009.

SANTOS, Sônia; LACERDA, Isadora.. Sexualidade da mulher e tabu no ambiente escolar: uma revisão da literatura. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 2, p. 147-160, 2020.

SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da Exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 7ª Impressão. 2022.

DIVERSIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS E O PROJETO ESPORTE NO COLUNI-UFF: POSSIBILIDADES DE PRÁXIS NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Maria Luíza Mendes Santos - UFRJ

Luciana Santos Collier - UFF

RESUMO

O cotidiano escolar é permeado por situações de inclusão e exclusão que influenciam e são influenciados pelo contexto no qual está imersa. No campo da Educação Física especificamente, apesar de influências médicas e militares ao longo de sua trajetória (Bracht, 1999), perspectivas mais democráticas em prol de uma sociedade mais justa e menos desigual tem ganhado força a partir da década de 1990 (Coletivo de Autores 1992; Neira; Nunes, 2018; Maldonado, 2020). Nesse sentido, nos embasamos em um conceito de inclusão que é amplo, processual, dialético e infundável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012, Santos; Fonseca; Melo, 2009), e utilizamos como estratégias pedagógicas inclusivas o ensino colaborativo (Vilaronga; Mendes, 2014) e a diversificação de conteúdos (Fonseca; Ramos, 2017). A partir das inquietações aqui expostas, o objetivo do trabalho é relatar e refletir sobre possibilidades pedagógicas vivenciadas no Projeto Esporte do Coluni-UFF no ano de 2023, a partir da diversificação de conteúdos e seus atravessamentos com os marcadores sociais da diferença. Como caminhos metodológicos utilizaremos a pesquisa-ação (Thiollent, 2011). Durante os relatos de experiência nas extracurriculares “Futebol, Futevôlei, e Altinha” e “Basquete, Vôlei, Lutas e Ginásticas” foi possível perceber uma expectativa dos estudantes do gênero masculino, em sua maioria, pela prática pouco reflexiva, com o foco principalmente na técnica e na competição. No entanto, as práxis no projeto buscaram diversificar os conteúdos, pensando outras maneiras de praticar os esportes tendo como foco temáticas acerca de questões sobre gênero, racialidade, classe social e deficiência, colaborando para a formação de um pensamento crítico.

Palavras-chave: Desigualdades sociais, Inclusão, Educação Física.

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar e as aulas de Educação Física são considerados como um contexto complexo marcado por relações interseccionais que atravessam e emergem da formação dos(as) estudantes (Fonseca, 2023). As fases da vida (infância, adolescência e juventude) levam em conta as experiências, a partir da classe social, da etnia, da cor da pele ou do gênero. Dessa forma, a partir das elaborações de Fonseca e Brito (2022) evidenciamos que na escola é um dos primeiros espaços que nos encontramos com as diferenças:

Na escola descobre-se/descobrem-se que se é “acima do peso, magro, feio, baixo, negro, afeminado”, isto é, no ambiente escolar que os ideais coletivos impunham de forma muitas vezes violenta as normas hegemônicas da sociedade. Na contemporaneidade, arriscamos dizer que a escola ainda carrega esses rastros segregadores, com maior ou menor força, dependendo do contexto (Fonseca; Brito, 2022, p. 75).

A partir dessas reflexões percebemos que dependendo da perspectiva evidenciada nas aulas as diferenças podem ser observadas a partir de uma perspectiva de valorização (Candau,

2020) ou como sinônimo de desigualdade. Dito isso, as aulas de Educação Física, podem se revelar como uma excelente oportunidade de diálogo acerca das desigualdades existentes e dos processos de inclusão e exclusão que se materializam no ambiente escolar.

Historicamente a Educação Física sofreu mudanças no que tange as principais influências teórico-metodológicas, se distanciando de um viés mais técnico e biomédico de ênfase na performance e na prática pouco reflexiva (Bracht, 1999), para perspectivas mais dialógicas, críticas e democráticas (Coletivo de Autores 1992; Neira; Nunes, 2018; Maldonado, 2020). Neste sentido, os(as) professores(as) de Educação Física tem possibilidade de intervir na formação do pensamento crítico dos(as) estudantes, acerca dos aspectos sociais, econômicos, políticos, históricos, biológicos e fisiológicos que materializam as práticas corporais e a relação dos discentes com os seus corpos, ampliando a sua leitura de mundo (Maldonado, 2020). Desta forma, acreditamos poder colaborar com o processo de superação da realidade socioeconômica desigual e injusta da sociedade brasileira, a partir de debates e reflexões que envolvam os saberes contra hegemônicos relacionados com as manifestações da cultura corporal (Maldonado; Farias; Siqueira, 2021).

Para isso, consideramos um conceito de inclusão amplo processual, dialético e infundável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012, Santos; Fonseca; Melo, 2009), que busca a participação plena de todos(as) estudantes nas atividades propostas no âmbito da Educação Física escolar, considerando os diversos marcadores sociais da diferença como gênero, racialidade, etnia, classe social, aspectos geracionais, deficiência e suas intersecções, que nos constituem enquanto sujeitos complexos (Collins; Bilge, 2021). Nesse sentido, nos distanciamos de uma concepção ingênua e romantizada (Fonseca, 2023), mas de uma concepção crítica e politizada que considera os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que influenciam nos processos de inclusão e exclusão (Sawaia, 2022). De modo a considerar as especificidades do ambiente escolar destacamos duas possibilidades de estratégias pedagógicas inclusivas: a diversificação de conteúdos e o ensino colaborativo.

O ensino colaborativo é inspirado em elaborações de Amorim, Fonseca e Brito (2022) que ampliam os pressupostos de Vilaronga e Mendes (2014), Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014). Essa ampliação se dá pois o enfoque é pensado em todos(as) estudantes da turma e não exclusivamente os(as) estudantes público-alvo do Atendimento Educacional Especializado. Ademais, esse fator ocorre a partir de uma construção coletiva com os(as) professores(as) em formação, de maneira horizontal, desde o planejamento, na prática e nas avaliações. Já a diversificação de conteúdos pode contribuir com a ampliação da identificação e

consequentemente da participação de todos(as) os(as) estudantes. Nesse sentido, para além de diversificar os conteúdos, também se propõe a diversificar as metodologias, abordagens e avaliações colaborando para formação crítica e reflexiva desses sujeitos problematizando a ênfase na performance e na técnica (Fonseca; Ramos, 2017; Fonseca; Silva; Santos, 2023).

Nesse contexto complexo foi pensado o “Projeto Esporte do Coluni-UFF: problematizando questões sociais que permeiam as práticas corporais”, que tem como objetivo oferecer práticas esportivas para estudantes do Coluni-UFF, aprofundando o debate sobre o esporte e suas relações com as desigualdades sociais, preconceitos e opressões, promovendo um posicionamento crítico-reflexivo sobre o fenômeno esportivo. A partir das inquietações aqui expostas, o objetivo do trabalho é relatar e refletir sobre possibilidades pedagógicas vivenciadas no Projeto Esporte do Coluni-UFF no ano de 2023, a partir da diversificação de conteúdos e seus atravessamentos com os marcadores sociais da diferença.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente relato tem como principal objeto de estudo reflexões proporcionadas pela práxis a partir do Projeto Esporte do Coluni-UFF. Antes é importante contextualizar que o Coluni-UFF (Colégio Universitário Geraldo Reis) é a unidade acadêmica da Universidade Federal Fluminense que oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Antes de ser Coluni-UFF, o Colégio era o CIEP 060, que a partir de um convênio assinado em 2006 entre a UFF e o Governo do estado do Rio de Janeiro, foi federalizado e passou a ser o Colégio Universitário Geraldo Reis.

Essa pesquisa teve como foco as extracurriculares de “Futebol, Futevôlei e Altinha” e “Basquete, Vôlei, Lutas e Ginásticas” que ocorreram às quintas e sextas-feiras das 15h30 às 17h ao longo do ano letivo de 2023. Em virtude de ser um Colégio Universitário, o Coluni-UFF recebe estagiários bolsistas (PIBID e PROLICEN) que são estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da UFF. Sendo assim, as diferentes atividades pedagógicas desenvolvidas na escola se constituem em importantes espaços formativos para estudantes, licenciandos(as) e docentes. Além disso, sendo localizado no centro de Niterói, tem acesso a várias linhas de ônibus, além das barcas, o que facilita que grande parcela dos(as) estudantes residem em outro município, sendo outro fator limitante da sua permanência na escola até as 17h.

As extracurriculares são oportunizadas para estudantes tanto do Ensino Fundamental II, quanto do Ensino Médio, criando um ambiente enriquecedor de trocas de saberes entre diferentes faixas etárias, experiências anteriores e níveis de habilidades nas diversas

modalidades propostas. Dessa forma, fizeram parte dessa pesquisa os(as) estudantes do Coluni-UFF que se interessaram pelas extracurriculares, bem como os estagiários, bolsistas dos projetos PROLICEN (Programa Licenciaturas) e PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

Para dialogar com as experiências expostas utilizaremos como caminhos metodológicos a pesquisa-ação (Thiollent, 2011) que possibilita a ação do professor(a) enquanto pesquisador(a), a partir de intervenções na práxis pedagógica que possibilita através de tematização de alguma temática colaborar com a transformação da realidade e a construção de novos saberes. Nesse sentido, o presente relato de experiência será construído a partir dos registros das professoras regentes em seus diários, dos planejamentos, das execuções das atividades e dos processos avaliativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades extracurriculares "Futebol, Futevôlei e Altinha" e "Basquete, Vôlei, Lutas e Ginásticas" ocorreram após o horário regular de aulas e eram opcionais. Na medida em que, o objetivo do projeto Esporte do Coluni-UFF vai ao encontro da formação do pensamento crítico dos(as) estudantes acerca do fenômeno esportivo, a ênfase não é reproduzir os códigos e valores do esporte de alto rendimento, mas ofertar um espaço democrático e inclusivo, que contemple e valorize as diferenças. Para isso, todas as ações pedagógicas e formativas, desde a definição das modalidades, passando pela escolha das temáticas a serem discutidas, bem como o planejamento e desenvolvimento das aulas, são construídas a partir de inspirações freireanas em diálogo entre as professoras de Educação Física e estudantes do colégio, em parceria com os licenciandos(as) do curso de Educação Física da UFF (Freire, 2013).

O desenvolvimento das atividades extracurriculares durante o ano letivo de 2023 teve como foco uma problemática que emergiu dos momentos de recreio. A partir de resquícios evidenciados das desigualdades escancaradas durante o período da pandemia da Covid-19 (Santos, 2020), em 2022, no retorno do ensino remoto os(as) estudantes demonstraram dificuldade no relacionamento interpessoal e na resolução dos problemas cotidianos da vida escolar. Em 2023 tais situações ficaram mais explícitas e violentas. Passamos a perceber que a quadra era ocupada exclusivamente por meninos. Prioritariamente os que estavam nos anos finais do ensino médio e/ou os mais habilidosos, para a prática do futebol. Durante esses

momentos, não era percebido um acordo relacionado às regras, muitas palavras ofensivas eram constantemente verbalizadas, atreladas a exclusões de toda ordem.

De acordo com Fernandes e Severino (2023), o recreio pode ser considerado um ‘espaço-tempo’ de presumida liberdade, no qual as interações são intensificadas, concorrendo com a eclosão de tratamentos indesejados e opressivos, entre os quais a violência física ou simbólica e o bullying. Por isso mesmo ele é comumente tratado como um campo desvinculado do pensamento pedagógico da escola, permitindo que diferentes discursos e estratégias de controle se apresentem nas interações que acontecem no recreio. Ao mesmo tempo, as pesquisas também o identificam como um campo de grandes possibilidades educativas.

Assumir, compreender, respeitar e valorizar as diferenças dos sujeitos na escola pública é requisito para orientar a transformação social no sentido da democracia e inclusão. Portanto, as reclamações provenientes das estudantes, bem como dos(as) estudantes mais novos do Ensino Fundamental II, nos mobilizaram a inserir este debate no bojo das atividades extracurriculares de 2023. Apesar disso, jamais pretendemos determinar o que deveria ser feito, definir regras ou impor limites autoritários e de maneira unilateral aos(as) estudantes. Tomando a concepção de diálogo e problematização na perspectiva freireana, começamos experimentar caminhos para a construção coletiva de um recreio democrático, sem perder de vista o processo emancipatório dos(as) estudantes.

A extracurricular “Basquete, Vôlei, Lutas, Ginásticas” vem sendo planejada e desenvolvida na perspectiva do ensino colaborativo, reforçando a relação dialógica e horizontal, alicerçada nos princípios freireanos de construção coletiva (Fonseca; Peres; Ludovino, 2023). Neste processo participam as professoras responsáveis e os(as) estudantes da Licenciatura em Educação Física da UFF, atrelados ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Um processo de inscrição foi aberto, e a partir da demanda por cada modalidade, organizamos: uma turma de Basquete e Handebol, uma turma de Vôlei, uma turma de Lutas e uma turma de Ginásticas e Atividades Rítmicas. Esta ação do projeto, pretendia discutir com os(as) estudantes inscritos, possibilidades de ocupação da quadra e do pátio escolar, ampliando a participação de todos(as) e minimizando as diferentes formas de violência, sejam elas a partir de questões envolvendo gênero, raça, deficiência, habilidade, entre outros marcadores sociais da diferença (Fonseca; Peres; Ludovino, 2023).

Tendo em vista que o espaço do recreio escolar no Coluni-UFF é composto por uma quadra polivalente de cimento coberta, um pequeno campo gramado sem cobertura, um pátio externo de cimento sem cobertura e um pátio (sob pilotis) de cimento com brinquedos do tipo:

totó, pingue-pongue, mesa de futmesa, tamancobol, pensamos em fazer um rodízio das atividades do projeto, explorando formas de desenvolver cada uma delas nos diferentes espaços disponíveis.

Ao final do primeiro mês tínhamos uma turma de Basquete (a adesão ao handebol não foi suficiente para a formação de uma turma), uma grande turma de vôlei, uma turma de lutas e uma de ginásticas (as atividades rítmicas acabaram sendo inseridas sob o formato de jogos e brincadeira no aquecimento ou finalização das aulas de ginásticas). A exclusão das meninas durante as atividades de quadra no momento do recreio, se refletiam nas falas e comportamentos durante as modalidades desenvolvidas na quadra. Uma fala recorrente nas aulas de vôlei: “Vamos separar em time masculino e feminino, senão não conseguimos desenvolver direito” ou a constatação de que nenhuma menina se inscreveu inicialmente na extracurricular de Basquete. Desta forma, optamos por inserir as discussões sobre as relações conflituosas durante o recreio, conforme iam sendo reproduzidas nas atividades extracurriculares. Tal abordagem metodológica, se coaduna com as ideias de Freire (2013), no que tange à problematização das situações que emergem da realidade vivida dos(as) estudantes.

As práticas corporais vivenciadas pelos(as) estudantes fora da escola geram representações diferenciadas para homens e mulheres, reproduzem preconceitos e estereótipos relacionados a quem pode ou deve praticá-las, contribuindo para que o movimento corporal esteja impregnado por padrões de conduta (Saraiva, 2002). Quando tais questões não são problematizadas pelos(as) docentes de Educação Física, turmas que nunca vivenciaram uma abordagem coeducativa, tendem a oferecer dificuldades para a realização das atividades.

As atividades de lutas e de basquete apresentaram um grupo flutuante de participantes, alguns dias o número de estudantes era tão reduzido, que eles preferiam participar de outra atividade. Cabe aqui uma reflexão sobre a presença (ou ausência) desses conteúdos nas aulas de Educação Física escolar do Coluni-UFF. De acordo com Fonseca, Peres e Ludovino (2023) precisamos estar mais atentos à heterogeneidade do ambiente escolar, valorizando as múltiplas experiências corporais e de movimento dos(as) estudantes, sem perder de vista a variedade de conteúdos da Cultura Corporal.

Nas ginásticas e nas lutas o engajamento de meninos e meninas de forma equilibrada, foi uma grata surpresa para nós. Além disso, o grupo foi se desenvolvendo junto, incentivando e comemorando a cada desafio vencido. Estas duas atividades nos ajudaram a desconstruir, junto aos(às) estudantes, alguns estereótipos de gênero criados pela sociedade que definem quais práticas corporais são masculinas ou femininas. Uma proposta coeducativa nas aulas de

Educação Física contribui para a necessária discussão sobre o sexismo e as determinações pré-estabelecidas que engessam o que cada gênero pode experienciar como prática corporal (Amorim; Fonseca; Brito, 2022).

Por outro lado, no vôlei o número de participantes foi bastante elevado e a diferença de habilidade e de gênero gerou alguns conflitos importantes para a discussão. Esta modalidade esportiva começou a ser desenvolvida no Coluni-UFF em 2019, tendo levado um grupo de estudantes do gênero masculino a participar do campeonato estudantil em 2019 e em 2022. Portanto, no âmbito do projeto, temos insistido na participação ampla e redução das desigualdades, a partir da problematização das situações de violência e exclusão relacionadas com a perspectiva de gênero. Concordando com Booth e Ainscow (2012, p. 23), acreditamos que “a participação envolve diálogo com os outros à base de igualdade e, portanto, exige que se deixem propositalmente de lado as diferenças de status e de poder”.

Vale ressaltar a participação fundamental dos(as) licenciandos(as) em EF na orientação das atividades e participação nos debates. A proximidade de idade entre eles(as) e os(as) estudantes do Coluni-UFF, participantes do projeto, gerou uma afinidade e, por que não dizer, uma admiração entre os grupos. Além de serem jovens, são representativos em termos de diversidade de gênero, raça e classe social, esta proximidade facilita o diálogo e colabora com o aprofundamento dos debates. Neste sentido, foi perceptível a mudança de conduta dos(as) estagiários, no que tange a prática docente. Se no início tinham dúvidas se conseguiriam engajar os(as) estudantes nos debates e preparavam estratégias para iniciar a aula conversando sobre os temas do projeto, com o tempo foram desenvolvendo a capacidade de perceber as situações-problema surgirem durante as aulas e interferir na hora. Embora os(as) estagiários estivessem sempre atuando em dupla e sob orientação de uma docente, ao final do ano letivo, era perceptível a segurança que apresentavam na condução das atividades.

A extracurricular “Futebol, Futevôlei e Altinha” emerge a partir de uma demanda dos estudantes pela prática do futebol após o horário das disciplinas curriculares. Conhecendo os(as) estudantes, os ambientes dispostos no Coluni-UFF e observando as práticas que os mesmos realizavam nos momentos de recreio, foi proposta ampliar as possibilidades de manifestações “com a bola no pé”. Dessa forma a extracurricular ocorria a partir de dois pilares fundantes embasados pela perspectiva inclusiva: o ensino colaborativo e a diversificação de conteúdos.

O ensino colaborativo, a partir desse viés ampliado, se dava a partir de diálogos e construções coletivas com a professora responsável, estudantes do curso de Licenciatura em

Educação Física da UFF e os(as) próprios estudantes do Coluni-UFF interessados(as) na temática. Essa construção se materializou em uma relação horizontalizada e dialógica, tanto na ação docente, no planejamento e nas avaliações durante as aulas. Ademais, é importante ressaltar que os(as) estudantes não são recipientes vazios, nos quais se derramam conhecimentos, mas que possuem opiniões, pensamentos e esse zelo emocional e acadêmico, que quando enfatizado pelo(a) professor(a), colabora para a construção de um ambiente acolhedor que entende os(as) como protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem (hooks, 2021).

A diversificação de conteúdos foi efetivada em todos os encontros da extracurricular, pensando em outras possibilidades de refletir sobre “manifestações com a bola no pé”. Nesse sentido, buscamos diversificar não só os elementos da cultura corporal, mas as possibilidades dentro de um mesmo esporte e mais especificamente o futebol. Dessa forma, vale ressaltar que foram diversificadas também as metodologias, as abordagens, as avaliações, objetivando contemplar o maior número de estudantes ampliando as formas de participação e protagonismo (Fonseca, Silva, Santos, 2023). Nesse sentido, o objetivo não é a prática pela prática (Fonseca, 2014), mas que o interesse nas aulas colabore para a formação de um pensamento crítico em prol de uma sociedade menos desigual e mais inclusiva.

Posto isso, com o início da extracurricular foi possível perceber uma grande adesão por parte dos estudantes, e a efetivação da práxis desse espaço pedagógico só ocorreu pela ocupação de outros espaços para além do ambiente da quadra graças as possibilidades evidenciadas pela diversificação de conteúdos (Collier; Santos, 2023). Em um primeiro momento, foi possível perceber uma presença majoritária de estudantes do gênero masculino, de diferentes faixas etárias, que questionavam constantemente se aquele espaço seria focado em treinos para aprimoração da técnica e da performance, tendo como objetivo principal a competição e a vitória.

No entanto, a expectativa dos estudantes não estava em consonância com a proposta de desmistificar estereótipos e combater preconceitos, posto que a ênfase exacerbada na técnica objetivando exclusivamente a competição, distanciava os menos habilidosos, os mais novos e majoritariamente as mulheres. Dessa forma, para além de diversificar as abordagens utilizamos temáticas que atravessam o futebol, buscamos colaborar para a formação de um pensamento crítico acerca dos marcadores sociais da diferença.

Inspiradas pelas elaborações de Amorim, Fonseca e Brito (2022) em todas as aulas temas emergiam dos(as) estudantes quando discutimos que notícias foram evidenciadas durante a

semana que atravessavam o futebol e as reflexões iniciadas nos diálogos perpassavam todas as atividades práticas. Nesse contexto, foram abordados temas acerca do racismo sofrido e denunciado por Vinicius Junior, o Brasileirão de Futebol Feminino e mortes decorrentes de conflitos ocasionados por torcidas organizadas. Simultaneamente, foram propostos temas de reflexão pela professora e pelos licenciandos, como a influência do sistema capitalista nas práticas desportivas e no valor dos materiais e questões de gênero que atravessam o Futebol de Cego.

A pluralidade de temas propostos e reflexões que emergiram estão em consonância com a proposta coletiva e colaborativa de pensar as intervenções pedagógicas. Ademais é importante ressaltar que os marcadores sociais da diferença dialogam com o conceito ampliado de inclusão aqui proposto (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009), uma vez que essas temáticas emergem cotidianamente do ambiente escolar, não em categorias compartimentalizadas mas a partir de entrelaçamentos interseccionais (Collins; Bilge, 2021) que complexifica o fazer docente. Dessa forma, a relevância e a potência de abordar simultaneamente, saberes trazidos pelos(as) estudantes do Coluni-UFF, pelos professores(as) e também saberes que emergem do encontro com as realidades e se materializam na coletividade.

Vale ressaltar que a escola e a sociedade se influenciam mutuamente, e essa relação próxima não é diferente quando o assunto são os preconceitos. Fonseca (2023), evidencia que somos bombardeados diariamente pela mídia com diversas informações acerca de preconceitos que denunciam etarismo, racismo, gordofobia, preconceito linguístico, preconceito social, xenofobia, misoginia, capacitismo, LGBTfobia, intolerância religiosa, dentre muitos outros. Segunda a autora, essas questões também emergem cotidianamente no contexto escolar e não ocorrem de maneira compartimentalizada, mas às exclusões são evidenciadas em seu caráter multifatorial (Sawaia, 2022).

Posto isso, tanto a extracurricular de “Futebol, Futevôlei e Altinha” quanto “Basquete, Vôlei, Lutas, Ginásticas” evidenciam espaços formativos de diálogos acerca do preconceito nas práticas desportivas. O distanciamento da cobrança de técnicas exacerbadas, e a possibilidade de diversificar os conteúdos mesmo dentro do viés do esporte, emerge como uma ampliação das possibilidades de participação de todas as pessoas, não valorizando apenas os mais habilidosos. Concordando com Fonseca e Ramos (2017), acreditamos que não podemos mais continuar a reproduzir ações excludentes, não nos posicionando enquanto professoras, nos eximindo da promoção e incentivo à participação plena de todos(as) os(as) nossos(as) estudantes nas aulas. Discussões e ações envolvendo a diversidade e questões como gênero,

etnias, fracasso escolar, homossexualidade, deficiência e outras exclusões, são urgentes e necessárias, tendo em vista a pluralidade da nossa sociedade, que se reflete no âmbito educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi relatar e refletir sobre possibilidades pedagógicas vivenciadas no Projeto Esporte do Coluni-UFF no ano de 2023, a partir da diversificação de conteúdos e seu atravessamentos com os marcadores sociais da diferença. Foi possível aprofundar o debate sobre o esporte e suas relações com as desigualdades sociais, preconceitos e opressões. No entanto, ainda é cedo para afirmar se avançamos no desenvolvimento de um posicionamento crítico-reflexivo sobre as desigualdades de gênero nas práticas corporais esportivas, apesar de ter sido possível perceber mudanças no discurso, principalmente dos meninos que fazem parte da comunidade escolar, mas pouco avanço nas atitudes, especialmente no horário do recreio.

Destacamos que o projeto aqui relatado, iniciou em 2019 com outras temáticas que emergiram do cotidiano do Coluni-UFF. Em 2023, decidimos discutir a desigualdade de gênero, que vinha eclodindo enquanto situação problema no horário do recreio. No entanto, é perceptível que apesar de temáticas e as propostas de trabalho distintas em cada extracurricular, a diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva corrobora que vários atravessamentos emergem das práticas esportivas. Dessa forma, é proporcionado um encontro de saberes, ora evidenciados pelos(as) estudantes; ora pelas professoras e ora pelos(as) licenciandos(as).

Essa proposta pedagógica materializada no projeto, propõe potentes discussões sobre temáticas de grupos minorizados, que corrobora com a função social da escola de um movimento em prol da justiça social, e para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. O projeto segue acontecendo, com novas questões emergentes, no início do ano letivo de 2024, quando começamos a organizar novos horários e novas turmas para as atividades extracurriculares, tivemos uma adesão extremamente baixa de meninas nas modalidades de futsal e voleibol. As poucas meninas inscritas desejavam formar times para participar do campeonato estudantil da cidade. Segundo estas meninas, as demais estudantes alegavam ter vergonha de praticar os referidos esportes, por terem pouca habilidade. Evidenciando o caráter processual infundável da inclusão, torna-se de suma importância que os temas que emergem no

cotidiano das salas de aula sejam constantemente debatidos nas diferentes disciplinas, e também na Educação Física.

REFERÊNCIAS

AMORIM, July; FONSECA, Michele; BRITO, Leandro. “Bruna fechou o gol hoje”: o futebol como tecnologia sexopolítica na Educação Física escolar. **Revista Periferia**, v.14, n.1, p.88-109, 2022.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, p.69-88, 1999.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro. Produzido pelo LAPEADE, 2012.

CANDAU, Vera. Didática, interculturalidade e formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, n.8, p.28-44, 2020.

COLLIER, Luciana Santos; SANTOS, Maria Luíza Mendes. Esporte do COLUNI-UFF: diálogos com a perspectiva inclusiva materializada na diversificação de conteúdos. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 8, p. 1-17, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, Janaina; SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. As relações democráticas no recreio: processos de transformação do cotidiano. **Revista Unifreire**, v. 2, p. 133-139, 2014.

FONSECA, Michele; BRITO, Leandro. Por uma perspectiva inclusiva na educação física escolar. In: CARVALHO, Rosa; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI, André.(orgs). **Educação física, soberania popular, ciência e vida**. Niterói: Intertexto, 2022. p. 69-83

FONSECA, Michele. **Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão**: reflexões sobre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FONSECA, Michele; PERES, Mariana; LUDOVINO, Raquel. "Relato de experiência no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas." **Cadernos de Aplicação**, v.36, 2023.

FONSECA, Michele; RAMOS, Maite. **Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar.** In: PONTES JUNIOR, J. A. F. (Org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar.** Fortaleza, CE: EdUECE, p.184-208, 2017.

FONSECA, Michele; SILVA, Samara; SANTOS, Maria Luíza. (Org.). **Possibilidades de diversificação de conteúdos:** relatos de experiências na Educação Física escolar. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora elefante, 2021.

MALDONADO, Daniel. **Professores e professoras de educação física progressistas do mundo, uni-vos.** Curitiba: CRV, 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira; FARIAS, Uirá de Siqueira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Lendo o mundo nas aulas de educação física no ensino médio: por uma ecologia de saberes contra-hegemônicos sobre as práticas corporais e o corpo. **Caderno de educação física e esporte.** v. 19, n. 3, p. 183-190, 2021.

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariella Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar:** unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Farias. As possibilidades de emergência do currículo cultural da Educação Física: contribuições do Grupo de Pesquisas em educação Física escolar da FEUSP (GPEF). In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uriá de Siqueira. (orgs.). **Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Brasileira.** Curitiba: CRV, 2018. p. 281-300.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina, SA. Abril, 2020.

SANTOS, Mônica; FONSECA, Michele; MELO, Sandra. **Inclusão em Educação:** diferentes interfaces. Curitiba, CRV, 2009.

SARAIVA, Maria. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência,** v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SAWAIA, Bader. (Org.). **As artimanhas da Exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 7ª Impressão. 2022

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2011

VILARONGA, Carla; MENDES, Enicéia. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** e.95, v.239, p.139-15, 2014.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

REFLEXÕES A RESPEITO DOS JOGOS NA PERSPECTIVA INCLUSIVA NA 47ª OLIMPÍADA DO CAP-Uerj

Gabriela Aragão Souza de Oliveira - UERJ
Márcia Miranda – UERJ

RESUMO

Para alcançar uma educação que atenda a todas as necessidades dos alunos, é importante considerar estratégias que visem o sucesso na aprendizagem. O objetivo do trabalho é apresentar a experiência dos “Jogos Inclusivos” organizados como parte da 47ª Olimpíada de forma colaborativa no CAP-Uerj em 2023, pensando na divisão da responsabilidade no ensino, para favorecer o acesso e a aprendizagem para todos - levando em conta as especificidades, ritmos e formas de aprendizagem de todos os alunos regularmente matriculados no Instituto. Ao considerar o relato de experiência como uma representação escrita de nossas experiências, podemos participar da produção de conhecimento a respeito dos mais diversos temas, isso aumenta o valor da discussão. Nesse sentido, o conhecimento humano está ligado ao conhecimento escolar e à aprendizagem ancorada nas experiências socioculturais. Anotá-lo é um método viável de acesso e compreensão de questões sobre diversos tópicos. Aqui apresentaremos os aprendizados ocorridos durante os “Jogos Inclusivos” realizados nos dias 26 e 27 de setembro de 2023, no horário de 8 às 12 horas, atendendo 75 estudantes. Os resultados mostram uma ação pedagógica dialógica e colaborativa, capaz de fomentar redes solidárias de cooperação e a promoção de ambientes aprendizagem coletiva.

Palavras-chave: Ensino Colaborativo, Prática Pedagógica, Jogos Inclusivos.

INTRODUÇÃO

Para alcançar uma educação que atenda a todas as necessidades dos alunos, é importante considerar estratégias que visem o sucesso na aprendizagem. Nesse sentido, no ano de 2023, quando começou o planejamento e organização da 47ª Olimpíadas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-Uerj) pela equipe de Educação Física foi criada uma comissão que assumiria a responsabilidade de colocar em prática os “*Jogos na Perspectiva Inclusiva*” como parte das atividades da Olimpíada de 2023. A equipe de Educação Física para 47ª Olimpíada do CAP-Uerj foi composta por 18 professores, e os jogos inclusivos ficaram sob a organização e coordenação das professoras Ana Patrícia da Silva, Gabriela Aragão Souza de Oliveira e Márcia Miranda.

Os jogos foram concebidos, realizados e avaliados, tendo em conta o ensino colaborativo. De acordo com Machado e Almeida (2010):

[...] O Ensino colaborativo (Co-teaching - termo utilizado na Língua Inglesa) proposto por autores norte-americanos considera importante a atuação de dois ou mais profissionais dando instruções em um mesmo espaço físico.

O ensino colaborativo tem sido utilizado para favorecer a inclusão escolar, envolvendo a parceria direta entre os professores da Educação comum e especial. Tal forma de trabalho está em crescente ascensão na literatura como uma estratégia inclusiva (p.345).



Os jogos inclusivos surgiram da parceria entre a equipe de Educação Física que pertence ao Departamento de Educação Física e Artes (DEFA) e a equipe do Departamento de Atendimento Educacional Especializado (DAEE). A equipe do DAEE é formada por 34 professores/as coordenados pela professora Vanêsa Vieira.

O objetivo do trabalho é apresentar a experiência dos “*Jogos Inclusivos*” organizados como parte da 47ª Olimpíada de forma colaborativa no CAP-Uerj em 2023, pensando na divisão da responsabilidade no ensino, para favorecer o acesso e a aprendizagem para todos - levando em conta as especificidades, ritmos e formas de aprendizagem de todos os alunos regularmente matriculados no Instituto.

De acordo com Capellini (2024), “não podemos esquecer que o cerne do ensino colaborativo está arraigado no planejamento, ação e reflexão conjugada entre os professores; é um modelo de ensino que se inicia antes do desenvolvimento, durante e depois” (p.5). Assim sendo, relataremos nossa experiência em três momentos distintos: o planejamento/organização; a realização dos jogos e a avaliação dos resultados.

METODOLOGIA

Ao considerar o relato de experiência como uma representação escrita de nossas experiências, podemos participar da produção de conhecimento a respeito dos mais diversos temas, isso aumenta o valor da discussão. Nesse sentido, o conhecimento humano está ligado ao conhecimento escolar e à aprendizagem ancorada nas experiências socioculturais. Anotá-lo é um método viável de acesso e compreensão de questões sobre diversos tópicos. Aqui apresentaremos os aprendizados ocorridos durante os “*Jogos Inclusivos*” da 47ª Olimpíada do CAP-Uerj realizados nos dias 26 e 27 de setembro de 2023, no horário de 8 às 12 horas.

- *Olimpíada do CAP-Uerj*

Eu nunca perco. Ou eu ganho, ou aprendo!
Nelson Mandela

A Olimpíada CAP-Uerj é um evento anual que tem como objetivo promover a interação entre os alunos, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a prática de atividades físicas, é mais do que um evento esportivo, é um momento de aprendizado e confraternização para toda a comunidade escolar.

A olimpíada não é um evento isolado: As atividades para a olimpíada começam meses antes dos jogos e fazem parte do planejamento pedagógico da equipe de Educação Física. Nesse



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

sentido, os objetivos da olimpíada são: Contribuir para a formação moral dos alunos; criar um ambiente favorável para o ensino-aprendizagem; promover a convivência harmoniosa entre os alunos; ensinar sobre vencer, perder e respeitar as regras; desenvolver a liderança e a cidadania; promover a interação entre os diferentes segmentos da escola.

Lidar de forma humilde com a vitória e tranquila com a derrota, respeitar seus companheiros de equipe reconhecendo nesses, suas potencialidades e limitações, conviver com as situações de confrontos temporários durante as disputas buscando superar seus obstáculos, competir com os colegas e não contra eles, respeitar as regras dos jogos e encontrar soluções inteligentes e criativas, mas acima de tudo éticas para solucionar os problemas encontrados na busca por atingir seus objetivos, são alguns pontos que fazem parte de nossa preocupação permanente durante o desenvolvimento de todas as nossas aulas e não somente na semana dos jogos (REGULAMENTO DA 47ª OLIMPÍADA CAP-Uerj, 2023. s/p).

No que tange ao planejamento e organização da olimpíada a equipe de Educação Física é responsável pelo evento que consta no calendário escolar da instituição e envolve 11 dias letivos, sendo 4 sábados letivos para treino das atividades, 1 sábado para abertura e outro para encerramento do evento e 5 dias letivos para realização dos jogos. A olimpíada é dividida em 4 etapas: sorteio e divisão dos alunos por bandeiras; eleição dos Chefes de bandeira (as equipes são denominadas bandeiras e divididas pelas cores azul, amarelo, vermelho e verde); treinamento das equipes; realização dos jogos e considerações adicionais:

A olimpíada é um evento inclusivo, com a participação de alunos de todas as idades e habilidades. É considerada por toda comunidade Capiana um momento de alegria e celebração sendo considerada uma importante ferramenta para o desenvolvimento integral dos alunos. Assim sendo, a Olimpíada CAP-Uerj é um evento muito importante e histórico para o instituto, tendo realizado no ano de 2023 a sua 47ª edição. É um momento de aprendizado, confraternização e desenvolvimento de habilidades socioemocionais para docentes e discentes.

- *Jogos Inclusivos*

Os “*Jogos Inclusivos*” foram pensados e executados em parceria pela equipe de Educação Física (DEFA) e pelo Departamento de Atendimento Educacional Especializado (DAEE) visando oportunizar formas mais democráticas de participação na 47ª Olimpíada do CAP-Uerj. Assim sendo, todos os estudantes que demandavam apoio intenso em momentos de reestruturação atitudinal/corporal tiveram a oportunidade de participar do evento. Os jogos inclusivos envolveram 75 estudantes atendidos pelo DAEE, sendo que os 27 estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental 1, participaram sem nenhuma adaptação das atividades da 47ª Olimpíada ofertadas para seu ano de escolaridade. Já os 33 estudantes matriculados no ensino fundamental 2 e os 15 estudantes do ensino médio tiveram 4 modalidades esportivas

criadas e inseridas especificamente para o evento, sendo elas: bola ao alvo; boliche, bocha e câmbio sentado, para que eles pudessem participar de forma justa e democrática.

Tabela 1: Modalidades Jogos Inclusivos

CATEGORIAS A e B	
MODALIDADES	Bocha
	Boliche
	Bola ao alvo
	Câmbio sentado

Fonte: Regulamento 47ª Olimpíada CAp-Uerj

- *Regulamento*

Queremos primeiramente pontuar a dinâmica dos ‘Jogos Inclusivos’. O ponto forte para considerarmos o sucesso dos ‘Jogos Inclusivos’ foi critério participação conjunta da equipe/bandeira ser obrigatoriamente formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido. Assim, todas as provas constaram da soma dos pontos das tentativas dos dois alunos, computando o total de pontos para a equipe/bandeira. E para que a equipe estivesse apta a participar das provas, foi necessário a presença dos dois alunos, formando uma dupla, tornando a inclusão um processo que realmente aconteceu e que foi entendido por todos os alunos.

§ 3º – As modalidades Bocha, Boliche e Bola ao Alvo serão disputadas com a combinação das categorias A e B. Categoria A – 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental 2 e categoria B – 9º ano do Ensino Fundamental 2 ao 3º ano Ensino Médio.

§ 4º – A modalidade Câmbio Sentado será disputada com a combinação de todas as quatro categorias.

Tabela 2: Regulamento das Modalidades Jogos Inclusivos

MODALIDADE	REGULAMENTO
Art. 50 – A Bocha (modalidade adaptada)	<p>A Bocha será composta por melhor de 3 rodadas. A equipe que vencer duas rodadas será a vencedora. Cada equipe é formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido.</p> <p>§ 1º – Em cada rodada, os participantes podem fazer dois arremessos para se aproximar o máximo do bolim (bola menor). Cada arremesso executado por um aluno da equipe, alternadamente.</p> <p>§ 2º – A rodada termina quando todas as bolas (4) forem arremessadas.</p> <p>§ 3º – A equipe que tiver o maior número de bolas perto do bolim, ganha a rodada.</p> <p>§ 4º – Em caso de empate na rodada, essa será desempatada por apenas mais um lançamento feito pelo aluno atendido pelo DAEE.</p>


	<p>§ 5º – Cada bandeira terá sua equipe formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido.</p> <p>§ 6º – A pista de arremesso terá 6m para os alunos atendidos pelo DAEE e 9m para os não atendidos.</p> <p>§ 7º – Serão montadas duas pistas e a ordem de arremesso pelas equipes será sorteada na hora da competição.</p> <p>§ 8º – As bolas serão as mesmas para todos os jogadores, nas cores das bandeiras, construídas com material alternativo, de forma adaptada.</p> <p>§ 9º – Todos os alunos deverão estar acompanhados de um professor do DAEE durante toda a competição. Ou seja, um professor do DAEE por bandeira.</p>
<p>Art. 51 – O Boliche (modalidade adaptada) será disputado:</p>	<p>§ 1º – Em 5 (cinco) rodadas. Cada equipe é formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido. A cada rodada, os participantes podem fazer dois arremessos para derrubar todos os pinos. Cada arremesso executado por um aluno da equipe alternadamente.</p> <p>Se todos forem derrubados na primeira jogada, é contabilizado um strike, e não é necessária a segunda jogada.</p> <ol style="list-style-type: none"> a. A cada rodada serão computados os pontos, a partir da soma do número de pinos derrubados pelos dois jogadores de cada bandeira. b. Será considerada vitoriosa a equipe que ao final do jogo somar mais pontos. Ou seja, ao final das 5 (cinco) rodadas serão somados os pontos totais das bandeiras. c. Em caso de empate em pontos, será realizado mais um lançamento por cada componente da equipe para sejam somados os pontos. <p>§ 2º – Em duas pistas e a ordem de arremesso pelas equipes será sorteada na hora da competição.</p> <p>§ 3º – Numa pista de arremesso que terá 4m de comprimento para os alunos atendidos pelo DAEE e 9m para os alunos não atendidos.</p> <p>§ 4º – Com a bola de iniciação de handebol verde. E ela será a mesma para ambos os alunos.</p> <p>§ 5º – Com pinos de plástico branco, iguais nas duas pistas.</p> <p>§ 6º – Cada bandeira terá sua equipe formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido.</p> <p>§ 7º – Todos os alunos deverão estar acompanhados de um professor do DAEE durante toda a competição. Ou seja, um professor do DAEE por bandeira.</p>
<p>Art. 52 – O Bola ao Alvo (modalidade adaptada) será disputado:</p>	<p>§ 1º – Em 5 (cinco) rodadas; A cada rodada, os participantes podem fazer dois arremessos no alvo. Cada equipe é formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido, cada arremesso executado por um aluno da equipe alternadamente.</p> <ol style="list-style-type: none"> a. A bola deve ficar grudada no alvo até a marcação do ponto. b. Os pontos serão computados a partir da soma dos pontos de cada arremesso pelos dois jogadores de cada bandeira. c. Ao final das 5 (cinco) rodadas serão somados os pontos totais das bandeiras. d. Em caso de empate em pontos, será realizado mais um lançamento por cada jogador da equipe para sejam somados os pontos. <p>§ 2º – Em duas pistas e a ordem de arremesso pelas equipes será sorteada na hora da competição.</p> <p>§ 3º – Numa pista de arremesso que terá 3m de comprimento para os alunos atendidos pelo DAEE e 7m para os alunos não atendidos.</p> <p>§ 4º – Com bolas nas cores da sua respectiva bandeira.</p>

	<p>§ 5º – Com o alvo fixado na parede do ginásio. § 6º – Cada bandeira terá sua equipe formada por um aluno atendido pelo DAEE e um aluno não atendido. § 7º – Todos os alunos deverão estar acompanhados de um professor do DAEE durante toda a competição. Ou seja, um professor do DAEE por bandeira.</p>
<p>Art. 53 – O Câmbio Sentado (modalidade adaptada) será disputado:</p>	<p>§ 1º – Em melhor de 3 sets de 8 pontos. Em caso de empate de 7 a 7, o próximo ponto decidirá o vencedor.</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Os alunos permanecerão sentados no chão, podendo se locomover somente nessa posição. b. Não é permitido tocar na bola em outra posição que não a sentada. c. A distribuição dos alunos na quadra fica a critério dos jogadores e/ou do técnico da bandeira. d. Em cada set é permitido o pedido de um tempo de 1 minuto pelo responsável pela equipe. e. Para que a bola passe para o outro lado da quadra é obrigatório dar 4 toques entre jogadores diferentes. <p>§ 2º – jogo se inicia com a troca dos 4 (quatro) passes entre a equipe que ganhou o sorteio inicial. O primeiro passe acontece da linha de fundo da quadra. § 3º – O ponto acontece quando:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. A bola cair no chão; b. A bola sair dos limites da quadra; c. O mesmo jogador der mais de um passe na mesma jogada; d. A equipe não der quatro passes para passar a bola para a outra quadra; e. O jogador ficar mais de 5s em posse da bola. <p>§ 4º – Na quadra de vôlei e a rede estará na altura de 1,5m. § 5º – Com a bola de iniciação tamanho 12, amarela. § 6º – Cada bandeira terá sua equipe formada por 8 alunos atendido pelo DAEE e 2 alunos não atendidos. § 7º – Todos os alunos deverão estar acompanhados de um professor do DAEE durante toda a competição. Ou seja, um professor do DAEE por bandeira/equipe.</p>

Fonte: Regulamento 47ª Olimpíada CAP-Uerj

Foi enviado para toda a comunidade CAPiana e para os responsáveis dos alunos do atendidos pelo DAEE um comunicado explicando a criação de atividades inclusivas na 47ª olimpíada da instituição.

Figura 1: Convite informando aos responsáveis sobre os jogos inclusivos.



47ª Olimpíada CAP-Uerj / Olimpíada Inclusiva
DEFA- Equipe de Educação Física
DAEE - Departamento de Atendimento Educacional Especializado



Local: Instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira CAP-Uerj
Data e horário: 23, 26, 27 e 30 de setembro de 2023 – 8 às 12h.
Comunicado aos responsáveis e toda comunidade do CAP-UERJ,

Nossa 47ª Olimpíada se aproxima, esse é um momento de muita alegria para a comunidade capiana. A olimpíada é um momento de muita agitação, disputa entre as equipes, barulho, mas também têm o trabalho coletivo, o despertar do espírito esportivo, o companheirismo.

Temos observado e avaliado que uma parcela de nossos estudantes necessitam de modalidades esportivas que possam ser mais inclusivas e com o desenvolvimento da colaboração entre os participantes.

Sabendo disso, a Equipe de Educação Física e o DAEE vêm dialogando para construir uma olimpíada mais inclusiva com 6 modalidades esportivas que terão a participação de estudantes que têm o trabalho de professores do DAEE e estudantes que não necessitam desse trabalho. As modalidades esportivas são: bocha, boliche, bola ao alvo, câmbio sentado, corrida em dupla e arremesso de peso. No regulamento explicamos cada uma das 6 modalidades que foram pensadas para propiciar o envolvimento de todas e todos na construção da participação na coletividade.

Aqui você tem o regulamento para essas modalidades esportivas.
[Regulamento 47 olimpíada inclusiva CAP-Uerj 2023.docx](#)



Fonte: As autoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os jogos inclusivos foram realizados nos dias nos dias 26 e 27 de setembro do ano de 2023, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira CAP-Uerj, sendo ofertados para 75 estudantes atendidos pelo DAEE e para todos os alunos regularmente matriculados na instituição.

Para distribuição dos alunos em cada modalidade a ser disputada foi realizada uma reunião com a coordenação do DAEE com o intuito de possibilitar realmente uma participação efetiva de todos os alunos nas atividades.

Uma condição para a formação das equipes de cada bandeira que participaram da competição foi a de estudantes atendidos pelo DAEE e estudantes que não fossem atendidos pelo DAEE. A ideia é que a participação fosse de todas/os em condições iguais e sem barreiras físicas. Neste sentido foi pensado a realização de novas modalidades de jogos dentro das olimpíadas.

A atenção e o cuidado na preparação dos jogos inclusivos nos fizeram pensar também na participação da torcida, porque conhecendo as necessidades individuais das/os estudantes

observamos que o barulho da torcida trouxe incômodo para alguns e assim elaboramos um cartaz para orientar a participação das/os torcedores.

Figura 2: Banner com orientação de participação para a torcida.



Fonte: As autoras.

- *Horário dos jogos*

Tabela 3 - Quadro de horários e espaços.

HORÁRIOS	QUADRA 1		QUADRA 2
	Boliche	Alvo	Bocha
8:00 h	Categoria B	Categoria B	Categoria A
9:30 h	Categoria A	Categoria A	Categoria B
11:00 h	Câmbio sentado Misto		-

Fonte: As autoras.

- *Mapa de Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental 2*

Tabela 4 - Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental 2 .

Modalidades	Bandeira	Bandeira	Bandeira	Bandeira
	AZUL	AMARELA	VERMELHA	VERDE
Bola ao Alvo	X ¹ 63	X 73	X 61	X 64
Boliche	X 72	X 73	X 74	X 73
Bocha	X 74	X 63	X 61	X 83

Fonte: As autoras.

Imagem 1: Modalidades Bocha e Boliche.



Fonte: As autoras.

- Mapa de Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – 9º do Ensino Fundamental 2 ao 3º ano Ensino Médio

Tabela 5 - Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – 9º do Ensino Fundamental 2 ao 3ºano Ensino Médio.

Modalidades	Bandeira	Bandeira	Bandeira	Bandeira
	AZUL	AMARELA	VERMELHA	VERDE
Bola ao Alvo	X 1B	X 92	X 92	X 3B
Boliche	X 2D	X 2D	X 3ª	X 1C
Bocha	X 2ª	X 92	X 92	X 3A

Fonte: As autoras.

- Mapa de Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – Categoria A e B

Tabela 6 - de Participação dos alunos atendidos pelo DAEE – Categoria A e B.

Modalidade	Bandeira	Bandeira	Bandeira	Bandeira
	AZUL	AMARELA	VERMELHA	VERDE
Câmbio Sentado	X 62	X 61	X 71	X 63
	X 73	X 63	X 73	X 64
	X74	X 71	X 74	X 74
	X 1B	X 73	X 84	X 83

¹ Utilizamos “X” para garantir o anonimato dos alunos.

	X 2A	X 73	X 2B	X 83
	X 2A	X 2D	X 2D	X 1C
	X 2B	X 3D	X 3A	X 3A
	X 2B	X 92	X 92	X 3B
	X	X	X	X
	X	X	X	X

Fonte: As autoras.

Imagem 2: Câmbio Sentado.



Fonte: As autoras.

Com proposta de um evento desportivo que desenvolva a participação e colaboração coletiva a premiação ocorre logo após o encerramento da modalidade para todas/os as/os participantes. A divulgação da bandeira vencedora ocorre na semana seguinte após o encerramento do evento, através da soma de todos os pontos alcançados nas diversas modalidades.

Imagem 3: Premiação de estudante após o final da modalidade.



Fonte: As autoras.

Com a proposta dos jogos inclusivos observamos uma participação expressiva da comunidade escolar, pois para as/os estudantes com deficiência essa proposta representou a

possibilidade e garantia de acesso aos jogos, para as/os estudantes não atendidos pelo DAEE representou uma experiência ímpar de experimentação, vivência e acolhida as diferenças e para os responsáveis um momento importante de inclusão de estudantes que ficariam a margem na participação dos jogos. Abaixo trazemos uma avaliação dos jogos inclusivos enviada por uma responsável:

Imagem 4: Correspondência parabenizando a organização do evento enviada a direção da escola.



Fonte: As autoras.

Mais do que um elogio o comunicado da responsável nos indica que estamos no caminho certo para a construção de práticas que possam atender a todas/os estudantes independente de sua condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

A organização do evento realizado entre os dois departamentos da instituição nos mostrou o quanto a colaboração entre docentes pode melhorar o oferecimento de atividade de forma mais significativa para as/os estudantes, atendendo as diferenças e promovendo a participação de todas/os.

As modalidades vivenciadas pelas/os estudantes mostra que todas/os podem participar de atividades físicas desde que seja pensado atividades e formas de participação que possam atender a todas/os. Destacamos a modalidade do câmbio sentado que não só deixou o grupo em condições mais equânime, mas trouxe para aqueles estudantes sem deficiência um novo desafio ao realizar a modalidade podendo usar apenas as mãos.

A adesão estudantil foi muito importante para a realização dos jogos inclusivos, promovendo a participação de estudantes que não são atendidos pelo DAEE e por aqueles que atendidos de DAEE que geralmente ficavam sentados no banco só assistindo ou quando convidados a participar eram vistos pelos grupos como “café com leite”.

O ganho foi para toda a comunidade. Com os jogos inclusivos pudemos além de promover a participação de todas/os estudantes atender aos anseios das/os responsáveis, docentes e toda a comunidade envolvida, mostrando que todas/os podem participar e se desenvolver desde que tenham as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; **Ensino Colaborativo: Uma Proposta para a Escolarização do Estudante com Transtorno Global do Desenvolvimento**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381389/1/unesp-nead-iep3-redefor-ee-tgd-d14-texto1-2015.pdf>. Acesso em 05 jun. 2024.

MACHADO, Andréa Carla; ALMEIDA, Maria Amélia. Parceria no contexto escolar: uma experiência de ensino colaborativo para educação inclusiva. **Rev. psicopedagógica.**, São Paulo , v. 27, n. 84, p. 344-351, 2010 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 05 jun. 2024.